

Tribuna Operária

Nº 18 ANO I, DE 11 A 25 DE JULHO DE 1980

PREÇO DE VENDA EM BANCAS: Cr\$ 10,00



General Ernesto Geisel

Geisel se vende na feira da pouca vergonha

Ex-ditador vira empregado dos cartéis.

Geisel assume a Norquisa.

Multinacional aproveita a situação.

Os sindicalistas reagem contra condições de trabalho. Pág. 8.

A visita de Karol Wojtyla

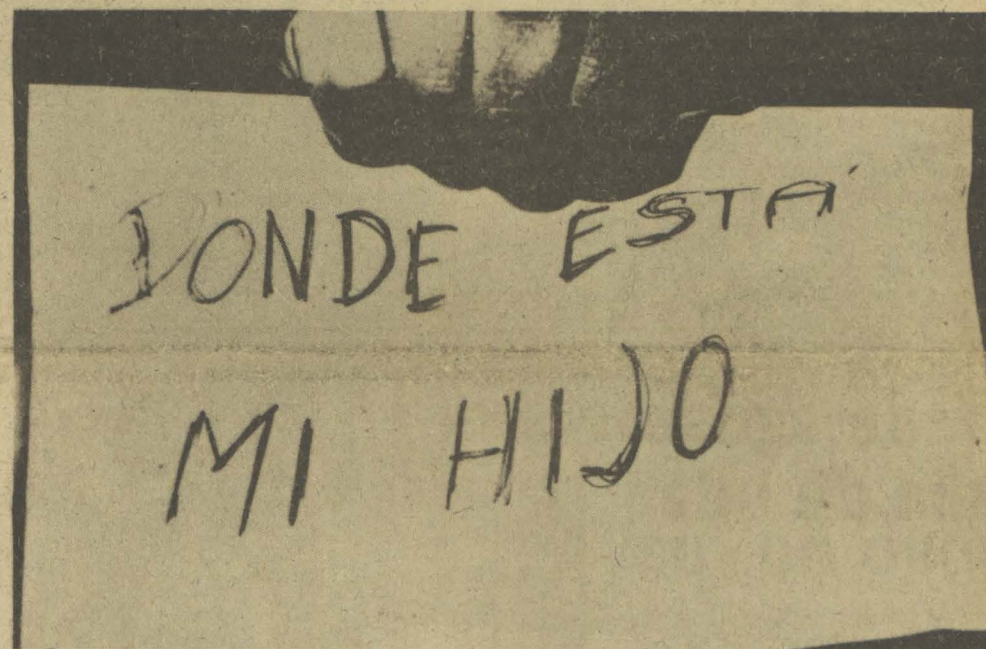
Pág. 3

Piracicaba: metalúrgicos vão às urnas

Pág. 4

CONSTITUINTE NA BOCA DO POVO

Essa luta começa a se espalhar por todo o Brasil. Pág. 3



A ditadura de Videla matou e expulsou milhares de argentinos.

Operários exilados no Brasil falam sobre as suas lutas

Pág. 5



Francisco Bonifácio, o 2º a partir da esquerda, líder da chapa 2

Derrota dos pelegos em Conceição

Chapa 2 vence.

Pág. 5

Editorial

Assembleia Constituinte Campanha que unifica

Cresce com mais força ainda a exigência da convocação de uma Assembleia Constituinte. Até mesmo o partido do governo se vê obrigado a entrar no assunto. A medida em que avança a reivindicação em prol da Constituinte, diversas são as posições que vêm à tona, expressando os interesses das diversas correntes políticas.

Por que isso acontece?

O plano dos generais de "abertura" política emperrou e vem encontrando uma realidade adversa. A situação do país se agrava crescentemente. Tudo isso voltou a colocar com ênfase na ordem do dia a substituição do regime militar. Esta é a questão que imprime maior relevo à luta pela Constituinte.

Diante disso, bradam os prepostos do governo: nada de agitação política nesta hora de crise. O governo Figueiredo, representante do grupo dominante, busca manter o monopólio do poder político impedindo o crescimento da mobilização popular e democrática. Na tentativa de se livrar, o governo pode propor remendos na Constituição, num esquema sob seu inteiro controle, rotulando isso de Constituinte.

Distintos setores da burguesia, de certo modo, almejam uma Constituinte. Isto é um fato, em que pesem as limitações, omissões e ilusões que frequentemente marcam suas propostas, em diversos níveis, chegando até à defesa da "Constituinte com Figueiredo". Forças que não encamparam esta bandeira, dispõem-se agora a discuti-la. Assim, a Constituinte está no centro da vida política nacional. O proletariado e o povo não podem deixar de postular esta

exigência candente, partindo de uma posição independente, buscando a ação comum com todas as forças democráticas e visando atingir seus objetivos maiores.

A crise se aprofunda em todos os sentidos. O regime militar é o único responsável por isso. Quanto mais se avoluma a crise, mais urgente se impõe a liquidação do regime. Não há outra saída. Para o proletariado a existência do atual regime e suas leis antidemocráticas em vigor são incompatíveis com uma Constituinte livremente eleita. Disso resulta que a convocação da Constituinte deve ser assumida por um governo provisório, representativo das forças democráticas e da unidade popular.

Nesta situação torna-se premente uma intensa campanha pela Constituinte, ligada à liquidação do regime militar. Constituinte sim, mas com a mais completa liberdade política! Para que isto possa ser alcançado onde está a questão chave? Na unificação dos movimentos populares de oposição que se desenvolvem em todo o país. Todos esses movimentos tendem para unificação. Sobram exemplos disso, em encontros e congressos regionais e nacionais, e nas mais diversas formas de solidariedade entre os movimentos populares. A campanha pela Constituinte tende a ser lançada de ponta a ponta do país. Ela pode assumir diferentes formas conforme a situação de cada lugar. Porém, avança mais na medida em que caminhar para encontros regionais e nacionais das oposições em defesa de uma Constituinte soberana, livremente eleita. Esta é uma importante tarefa atual.

Governo fatura com o papa

Karol Wojtyla reuniu milhões de explorados para pregar a paz de classe. A polêmica sobre os prós e contras dessa pregação ainda agita o povo.

O Papa está querendo agradar gregos e troianos. Em cada lugar fala uma coisa. Condena as injustiças mas também a luta decidida da classe oprimida. O roteiro de sua viagem é contraditório. Hoje (dia 29) passou pelo II Exército, onde estão os torturadores, e agora vem falar com os operários". Esta afirmação é de um jovem militante da Pastoral Operária da Zona Norte de São Paulo, que diz estar "desiludido com a viagem e o Vaticano".

Já para um metalúrgico do ABC, membro do Comando da Greve de São Bernardo, "a vinda do Papa foi organizada pelo governo, as multinacionais e os reacionários da Igreja, já que os setores populares em quase nada influíram. A visita cumpre o objetivo da Igreja, que é apaziguar o ânimo do povo, principalmente em períodos de crise. Ela quer que o povo sofra, mas devagarzinho. Se depender da Igreja nunca o povo se libertará. Só a luta até as últimas consequências resolve os problemas". E há ainda outras visões: "A vinda do Papa foi uma das coisas mais bacanas que eu já vi — afirmou Wilson Barrêto, motorista, morador na favela do Vidigal, no Rio de Janeiro — Estas melhorias todas, luz, escada, a desapropriação das terras, eram lutas nossas já há muito tempo, antes de se pensar no Papa. Sua vinda acelerou um monte de coisas". Mesmo assim, reconhece: "Lógico que se a gente não estivesse lutando não ia ganhar nada".

A festa da Padroeira

Estas opiniões dão um esboço do que representa a longa viagem do Papa ao Brasil, um dos maiores centros católicos do mundo. Dom Tomás Balduino comparou-a à Festa da Padroeira, que cada um aproveita como pode: os comerciantes enriquecem vendendo bugigangas, o prefeito da cidade faz politicagem, o padre reza, os namorados namoram...

A maioria concorda num ponto: o governo tentou faturar com a visita, isolar a Igreja comprometida com o povo, vender sua "abertura". Trocou cenários, segundo o metalúrgico Rogério. No Rio "limpou" a cidade dos mendigos, embelezou a favela do Vidigal. Contou sempre com o "apoio" das multinacionais e das agências de propaganda, além da ajuda de bispos, e padres situacionistas, tipo Dom Eugênio Sales, ou Dom Vicente Scherer do Rio Grande do Sul.

"O governo tentou com o Papa tapar os olhos do pessoal revoltado. Não é para menos que a TV Globo divulgou

tanto a visita", explicou uma metalúrgica da Pastoral em Vila Prudente (SP). "Essa viagem foi uma pouca-vergonha. Tanta miséria e tantos gastos (870 milhões de cruzeiros) com uma visita. O governo fez foi politicagem, ele quer se promover", afirma Dona Iolanda.

Primeiro, Figueiredo

Outro consenso entre pelo menos os entrevistados mais informados, é que o Papa continua em cima do muro e portando concordando com a situação de miséria do povo. Seu primeiro contato no país foi com o general Figueiredo, com quem manteve um contato fechado por 50 minutos, e posteriormente elogiou a "abertura política". Negou-se, por outro lado, a conversar com sindicalistas autênticos que lhe entregaram documento-denúncia, pois "estava cansado". Concordou com a censura do texto lido pelo operário Waldemar Rossi no Morumbi (ver box ao lado). Falou da miséria do capitalismo selvagem, mas condenou entre os jovens de Belo Horizonte a luta de classes e o marxismo. Entre os operários em São Paulo pregou a não-violência para se conquistar transformações e os acordos com "outros setores" para resolver a crise nacional.

Dom Pedro Casaldáliga mesmo criticou a posição do Papa. Ele, que atua numa região de crescentes conflitos de terras, afirmou que "o setor conservador da Igreja e o poder internacional capitalista estão se apropriando do Papa, transformando-o numa figura popular, simpática e carismática, mas fora dos problemas sociais e políticos".

A Igreja Católica mostrou que ainda tem grande influência no Brasil. "Ver o Papa" foi, nestes dias, o grande programa para milhões de populares, aproveitando o feriado e influenciados pela propaganda.

"Tudo no mesmo"

Ao término desta "peregrinação" todos perguntam: Qual o resultado? Para uns, muito bom. Para outros, péssimo; pois ajudou o governo militar, intensificou a religião-alienação, "ópio do povo", golpeou a Igreja progressista que no campo e na cidade se coloca ao lado das classes oprimidas.

Para um metalúrgico demitido do ABC, "tudo continua no mesmo. Daqui a pouco todos se esquecem do Papa. Os problemas do povo, a carestia, o desemprego, etc., continuam e se aprofundam e o único fator que ainda faz prevalecer esta situação, este governo, é que falta organização do povo".



No frio e na chuva, o povo aguardou o papa com esperança e ouviu-o condenar a violência dos oprimidos

No Morumbi, operários censurados

"Liberdade, liberdade", gritavam 140 mil pessoas antes do papa iniciar seu pronunciamento no encontro com os trabalhadores, dia 3 no Estádio do Morumbi, S. Paulo. Isto demonstra qual o maior anseio do povo brasileiro, o que unifica", afirmou um deles.

No restante do tempo, prevaleceram as músicas religiosas e o "hei, hei, hei, o papa é nosso rei". A exceção foram os metalúrgicos do ABC, que vieram na caravana de 60 ônibus, e alguns grupos da Pastoral Operária e da Juventude, que traziam faixas e cartazes. Enquanto a maioria gritava "João, João, João, você é nosso irmão" eles replicavam "João, João, João, Figueiredo é ladrão".

O objetivo do encontro, organizado pela Pastoral Operária, era mesmo de denúncia e protesto. A organização foi simples, "sem músicas clássicas e tapetes persas como no Rio de Janeiro" — conforme comentou o padre Paulo Bezerra, de S. Miguel. Waldemar Rossi, da Oposição Sindical Metalúrgica, foi escolhido coordenador. De sua parte, o governo tratou de impedir que o encontro se tornasse mais político. Soldados impediam a entrada de faixas contra o governo. Chegaram a tirar faixas já abertas no Estádio. Wilson

metalúrgico, membro de comunidade, conta que "bateram em dois companheiros que carregavam uma faixa". Até para ceder o Morumbi o governo criou obstáculos e não houve financiamento oficial para a transmissão do encontro pela TV.

"Vieram só para rezar"

Outro fator que prejudicou o Encontro foram os próprios padres paulistas mais atrasados. Um membro da Pastoral Operária da Zona Norte contava: "O padre de nossa paróquia boicotou os convites para os trabalhadores". E uma têxtil, Jassira, denunciou que "o padre já tinha entregue os convites para as beatas da vila quando nosso grupo de trabalhadores foi buscá-los".

Ficou-se sabendo posteriormente, de fonte segura, que as próprias autoridades do Vaticano impediram que Rossi, no Morumbi, lesse na íntegra seu discurso contra a miséria, a estrutura sindical e o assassinato de líderes do povo. Inventou-se a desculpa da falta de tempo.

No estádio ocorreram inúmeras discussões: "Hoje é um dia santo. Não é para se falar em política", reclamava uma senhora de idade, de terço na mão. E um operário respondia: "Este encontro

é para os trabalhadores e nós temos que dizer que vivemos mal e apanhamos da polícia".

"Reformas pacíficas"

Houve grande vibração quando o Papa chegou ao estádio, apesar das quatro horas de atraso e muita chuva. "É inacreditável... A gente só acredita vindo — comentou José Cicotti, sindicalista cassado de Santo André. — Este povo tem muita fé e isto é triste, é sinal de alienação".

"Esta vibração, para Cida, demonstra que o povo está necessitado e procura na fé uma força". "Mas o pior é que se pensa que o Papa é santo e vai fazer milagres. Isto ilude o povo", comenta o metalúrgico Amauri. "Ele só resolveria se viesse todo mês. Daí o governo arrumaria sempre o cenário e nas greves não reprimiria", brinca Rogério.

Quando o Papa falou "que as reformas sociais devem ser pacíficas", os operários que já sentiram a repressão protestaram aos gritos de "Abaixo a Repressão", apontando os PMs no gramado. Pouco antes PMs tentavam arrancar uma faixa deles e um gritou: "Vocês só estão em dois e não têm bombas. E não é por causa do Papa que vocês não vão apanhar".

CONSTITUINTE SÓ COM POVO

Campanha pela Constituinte livre e soberana põe o governo na defensiva. Oposições procuram se unificar sob esta bandeira combativa e de derrubada do regime de arbítrio. Participação do povo é fundamental.

Nem bem começou a campanha em favor de uma Assembleia Constituinte livre e soberana, e o governo Figueiredo já se coloca na defensiva. Os políticos governistas correram aos jornais falando em "reformas na Constituição". O sr. Jarbas Passarinho, líder do governo no Senado, levantou inclusive a possibilidade de "transformação do atual Congresso em Constituinte".

Isso mostra que a Constituinte é uma bandeira importante na luta contra o regime ditatorial reformado. Se a campanha para levá-la à vitória é bem compreendida e levada a efeito pelas forças mais conseqüentes e pelas massas populares em geral pode levar à derrubada do regime militar. Diante do debate nacional em torno desta questão os trabalhadores e o povo perguntam-se com razão: o que é mesmo uma Constituinte? Em que ela nos dá respeito?

Constituinte é remédio para os problemas atuais

A Constituição é a lei fundamental de um país, que define o perfil do regime político e econômico-social e da qual decorrem todas as demais leis. Constituinte é uma assembleia eleita pelo povo para formular esta lei.

Após a quarteleta de 1º de Abril de 1964 no Brasil, os generais rasgaram a Constituição existente. Impuseram uma outra, de cima para baixo, e passaram a remendá-la e ajeitá-la ao sabor da sua conveniência. Os militares passaram a governar com base em atos institucionais e em leis arbitrárias, aprovadas de acordo com a ocasião.

Hoje este velho regime está desmoronando e trava-se a luta por plena liberdade política. Ganha força a exigência de convocação de uma Assembleia Constituinte que consulte o povo para elaborar a lei fundamental do país. E isso interessa diretamente às forças democráticas e populares. Os trabalhadores da cidade e do campo, os estudantes, donas de casa e demais setores populares constituem a esmagadora maioria da população. É mais do que justo que participem da elaboração da Carta que deverá governar os destinos do país. Como diz um verso popular, "Constituinte é o remédio P/ros problemas atuais/ Porque por seu intermédio/O povo e não os generais/Dirá como devem ser/As leis em linhas gerais".

O debate em torno da Constituinte vem mobilizando todas as correntes, partidos e tendências políticas. E cada um se coloca frente a esta questão de

acordo com os interesses das classes ou setores que defende e representa.

Governo quer manter monopólio do poder nas mãos.

O governo militar, como era de se esperar, é frontalmente contra a convocação de uma Assembleia Constituinte. Compreende que ela passaria pela derrubada da ditadura. Como afirmou o próprio Ministro da Justiça, Abi-Ackel, "a Constituinte só tem lugar quando se trata de edificação de um novo regime, de substituição de um regime por outro, que implique novo pacto social".

Os generais se propõem então a alterar a Constituinte, a remendá-la mais uma vez para conter os protestos da oposição sem alterar sua essência autoritária e antipopular. E no caso da campanha pela Constituinte ganhar impulso, já preparam o terreno para a transformação do atual Congresso numa "Constituinte" falsificada.

Os que defendem a Constituinte com Figueiredo

A oposição conservadora, liberal e reformista pronuncia-se a favor da Constituinte. Deseja romper o atual monopólio do poder político e neste sentido, busca a aliança do povo.

No entanto, muitos representantes dessas forças propõem ainda uma espécie de "pacto" entre o governo e a oposição: a chamada Constituinte com Figueiredo. Isso não corresponde aos anseios das massas, na medida em que permite que o controle da situação continue nas mesmas mãos. Os donos do poder cederiam apenas uma pequena fatia do bolo. A presença do general Figueiredo na Presidência comprometeria no fundamental a democracia e a soberania de uma alternativa desse tipo.

A Constituinte com Figueiredo é a proposta dos líderes do PP, que se dispõem a apoiar até a simples transformação do Congresso em "Constituinte". Proposta semelhante é defendida por José Salles, do PCB, para quem o importante agora é "evitar o retrocesso" e "consolidar as conquistas já obtidas", tomando todo cuidado para não irritar os militares. Mesmo Ulisses Guimarães, presidente do PMDB, chegou a pronunciar-se publicamente, ainda há pouco, pela "Constituinte com João", embora tenha logo se retratado, diante da reação dos setores populares.

No fundo, os conservadores, liberais e reformistas tentam uma transformação da ditadura através de acordos, e portanto limitada do ponto de vista de

mocrático, sem deixar o poder sair das mãos das classes dominantes.

PT não defende a Constituinte mas quer discutir

Dos partidos de oposição, apenas o PT não se pronunciou a favor da Constituinte. Adotou uma atitude contraditória. Recente documento da Comissão Diretora Nacional provisória do partido considera "insatisfatórias as propostas de Constituinte apresentadas". Mas não aponta o que não o satisfaz, nem apresenta nenhuma proposta própria. Ao mesmo tempo "repudia especialmente a Constituinte com Figueiredo", criticando com razão os conciliadores. E deixa claro que "não é contrário à discussão democrática do real significado para o povo de uma Constituinte", o que deixa a esperança de que o PT venha a corrigir esse equívoco.

As forças mais conseqüentes da oposição defendem uma Constituinte livre e soberana, sem Figueiredo, convocada por um governo democrático de frente. No Parlamento, esta defesa começou agora a ganhar impulso, principalmente a partir de iniciativas do senador Teotônio Vilela e da Tendência Popular do PMDB.

Essa bandeira só avança se o povo a abraçar

Mas essa é uma campanha que só poderá frutificar se tiver adesão popular maciça. E ela tem condições de interessar e mobilizar as amplas massas. Porque a luta por uma Constituinte livre e soberana, para o povo, é inseparável da luta para acabar com este governo, o mais detestado que o Brasil já teve. É a proposta de conjunto que unifica os movimentos pelas liberdades democráticas e as reivindicações dos trabalhadores e do povo — direito de livre organização partidária e sindical, direito de greve e de manifestação, salários condignos, congelamento dos preços dos gêneros de primeira necessidade, reforma agrária que dê terra aos que nela trabalham. Enfim, a luta pela Constituinte livre e soberana abre caminho para que o povo coloque em questão os rumos que o Brasil deve tomar, firmando sua posição.

Esta campanha mal se inicia, mas brota de um solo fértil. Propostas como a de um encontro nacional de oposições e de comitês municipais de frente pela Constituinte, de consultas ao povo em torno desta questão, estão contribuindo para impulsionar a campanha e levá-la à vitória. (Olivia Rangel)

Fascistas em ação

O jurista Dalmo Dallari foi mais uma vítima do terrorismo da direita. Quarta-feira dia 30 de junho, quatro homens armados o sequestraram na porta de sua casa e o largaram num terreno baldio depois de uma sessão de pancadaria e sadismo. A própria vítima acusou o Maluf e o aparelho repressivo. De todos os lugares do Brasil se levantam protestos, a OAB e as entidades de Defesa dos Direitos Humanos estão se mobilizando, os parlamentares mais combativos, se pronunciam, a SBPC realizou um ato público onde o Presidente de honra declarou que o "atentado ignominioso cometido contra Dalmo Dallari contraz a promessa formal do Presidente Figueiredo de conduzir o País a uma Democracia".

UNE entra em campanha pela Constituinte

600 delegados de todas as partes do Brasil.

Tomadas decisões sobre a luta estudantil nas escolas e nas ruas.

Concluiu-se no dia 8 de julho, no Rio de Janeiro, a reunião do Conselho Nacional de Entidades de Base da UNE. Precedida de um seminário que debateu as atuais condições da universidade brasileira, a reunião representou um passo adiante na luta dos estudantes brasileiros.

No referente às questões específicas dos estudantes, a reunião adotou uma importante decisão, reconhecendo a União Estadual dos Estudantes do Rio Grande do Sul como entidade máxima dos estudantes gaúchos. Chegou-se assim a uma decisão final numa polêmica que se arrastava há longo tempo nos meios estudantis em torno de uma entidade fantasma criada pelas forças de direita, o DEE, que disputava com a UEE o reconhecimento pela UNE. A reunião decidiu ainda iniciar uma campanha pela suplementação de verbas nas Univer-

Nesta altura já é grande o número de atentados encobertos pelas autoridades: as tropas fascistas de Maluf na Freguesia do O, SP, o sequestro de um jovem ativista cristão em Goiânia, as ameaças aos donos de bancas de jornais em Minas e em outros lugares, os atentados contra o sindicato dos jornalistas de Belo Horizonte, tiros nas livrarias de São Paulo, ataques do próprio Exército contra os camponeses de Santarém. É uma verdadeira escalada, planejada pelos que querem esmagar as poucas migalhas de democracia existentes.

Nestas horas não dá para usar a tática do avestruz e enfiar a cabeça na areia. É preciso desmascarar o fascismo e lutar pela liberdade.

sidades Federais e contra o aumento das taxas e mensalidades nas escolas particulares. E convocou para setembro uma greve nacional de três dias, em unidade com os professores, acompanhada de reuniões e debates.

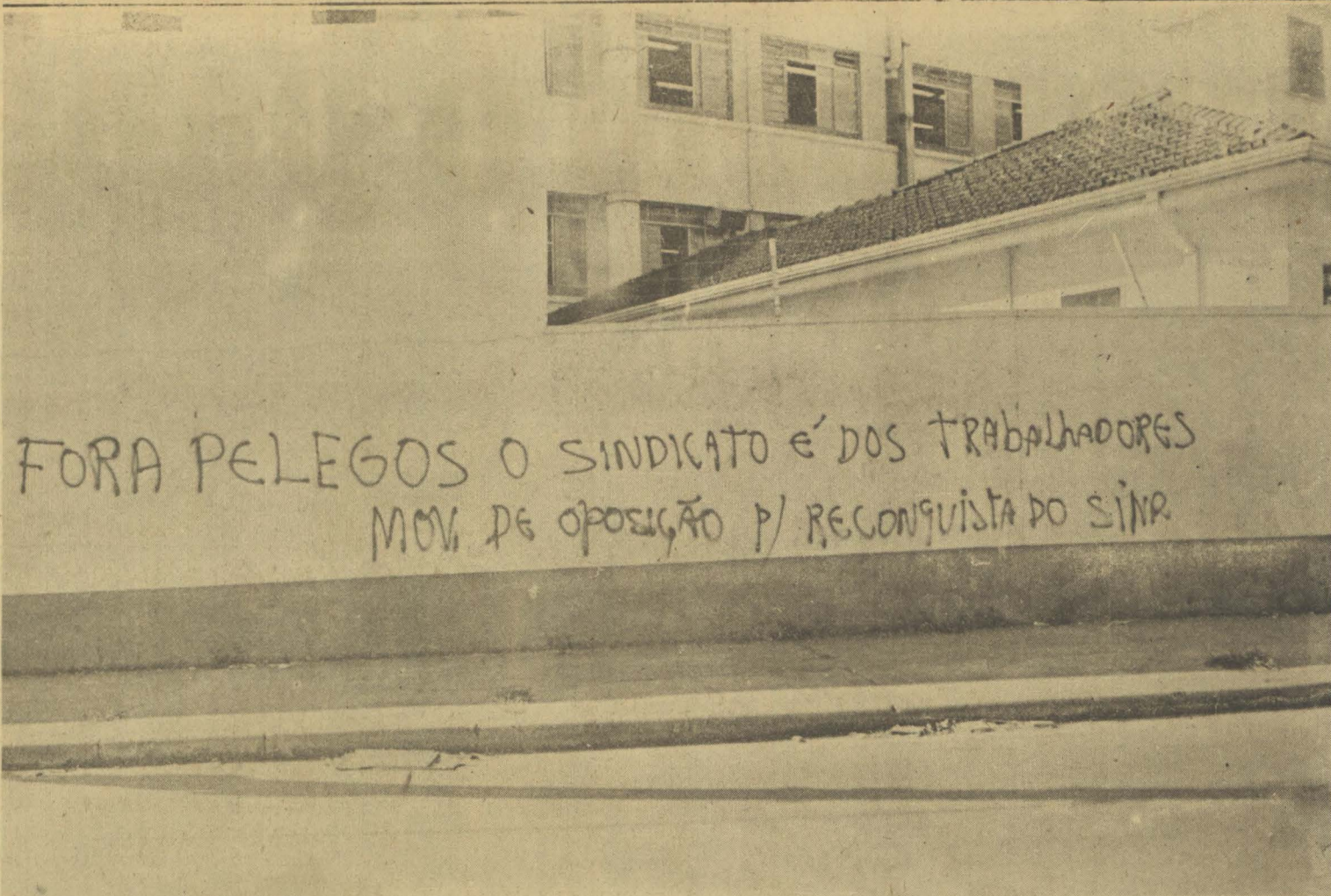
Um dos saldos mais positivos da reunião foi a decisão da UNE de lançar-se à campanha pela convocação de uma Assembleia Constituinte livre e soberana, que vai se firmando como bandeira comum dos movimentos democráticos e populares. A mesma campanha combaterá também o adiamento das eleições municipais de 1980. Outra resolução foi apoiar a luta dos camponeses pela reforma agrária, lutar contra o projeto de lei que permite a expulsão dos estrangeiros, contra as perseguições políticas, contra a LSN e contra as cassações de líderes sindicais. (Da sucursal do Rio de Janeiro)

Centro de Cultura Operária - CCO/SP.

R. Conselheiro Ramalho, 501, sala 1 - Bela Vista, SP - CEP 01325
(endereço provisório)

Nome.....	Idade.....
Profissão.....	
Endereço.....	
Bairro.....	Cidade.....CEP.....

O Centro de Cultura Operária CCO/SP tem por finalidade divulgar e promover a cultura operária em seus diferentes aspectos: sua história, suas lutas e sua teoria. Para associar-se, basta preencher a ficha e enviar um vale postal no valor mínimo de Cr\$20,00 como 1ª mensalidade. Serão considerados sócios fundadores os que se associarem até 30 de agosto.



Na porta da Philco as pizações do movimento que se propõe a arrancar Joaquim do trono

Primeiros passos de um movimento que vai pegar

Operários metalúrgicos de São Paulo começam a caminhada que deverá levar à reconquista do seu Sindicato como órgão de organização e luta da classe.

Dia 8, no Taboão da Serra, SP, mais um mutirão do Movimento de Oposição Metalúrgica pela Reconquista do Sindicato percorreu algumas indústrias, empenhado na campanha de sindicalização. Esses mutirões começam a ganhar impulso — na Zona Sul da cidade já são dois por semana. E a recepção tem sido sempre boa. "Geralmente a gente já é conhecido da campanha e da greve de 1979 — explica um dos participantes em Taboão — e o sentimento anti-pelego já existe na fábrica. Assim, o pessoal aceita bem".

Na Toko, uma das fábricas visitadas, concretamente, vinte das fichas de sindicalização distribuídas foram logo preenchidas. E isso numa empresa que

emprega sobretudo moças, menores de idade. Já na Vidro Dinamac, outra firma visitada, o pessoal já chegava perguntando: "É para a campanha salarial? É para a greve?".

Mas não é só na porta das fábricas que o movimento vai mostrando o quanto pode crescer. Dentro das indústrias, há operários que já sindicalizaram 50 companheiros. Outros, mesmo sendo gente nova no Movimento, logo se entusiasma: "É isso que eu estava esperando, me dá umas dez fichas para eu começar a sindicalizar". E vão surgindo assim os grupos de fábrica para a sindicalização. Outro indicio que mostra o futuro do Movimento é o êxito das iniciativas de coleta de fundos — uma

rifa que se esgotou, uma feijoada aqui, um show ali... Dia 20 de julho haverá o lançamento oficial do Movimento.

As dificuldades não são poucas nem pequenas. Trata-se de desbancar um pelego curtido por 15 anos de presidência do sindicato e aliado com os reformistas. Outro problema é a repressão patronal e policial. Mas os primeiros passos, os mais difíceis, já estão sendo dados e a coisa promete crescer como uma bola de neve, desde que haja bastante garra, espírito unitário e ousadia para dirigir-se amplamente à categoria. Muito metalúrgico de espírito anti-pelego agora comenta com entusiasmo: "Agora sim, vale a pena entrar na briga; agora há condições de retomar o sindicato".

Sindicatos baianos denunciam Proálcool

"Com tristeza e indignação somos obrigados a tornar públicos e denunciar que: 1) A grilagem de terras tem crescido em toda a extensão do Vale do São Francisco, acompanhada, como sempre, da violência contra os posseiros... visando "limpar" as áreas para implantação de grupos econômicos altamente incentivados pelo Governo; 2) A implantação do Proálcool está, também nesta região, ocupando terras férteis e cultivadas para produção de alimentos". Este é o trecho principal do documento do 5º Encontro do Vale do São Francisco, assinado pela Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura, Federações de cinco estados, 31 sindicatos de trabalhadores rurais e pela Comissão Pastoral da Terra e Diocese de Juazeiro, Bahia.

Para ilustrar o aumento da grilagem, da violência, da arbitrariedade governamental, etc, o documento cita exemplos. No município de Casa Nova (BA) 351 pessoas tem sofrido ameaças para deixarem uma área de 30 mil hectares para a empresa Agroindustrial Camargibe. Lá os lavradores resistem, e dizem "que só sairemos se formos arrastados". No dia 21 de junho realizou-se uma manifestação com mais de 1.500 pessoas em apoio à resistência. O interesse desta grande empresa, com sede no Rio de Janeiro, é nos incentivos da Proálcool.

"Não consideramos progresso a produção de álcool para "alimentar"

motores dos automóveis em prejuízo da produção de alimentos para o povo", explica o documento, que também esclarece o apoio à resistência dos posseiros, "tanto pelo direito líquido que têm às terras quanto pelo fato de não aceitarmos o Proálcool na sua política de promover grupos econômicos sem a mínima preocupação social".

Outra denúncia é contra a CHESF (Centrais Hidroelétricas do São Francisco) que "continua a gerar sofrimentos e insegurança em todas as áreas que atua". Na Barragem de Itaparica 80 mil camponeses e outras 40 mil pessoas da cidade vivem na insegurança. Em Sobradinho os problemas de moradia e plantação ainda não foram resolvidos, etc.

Responsáveis se omitem

"Diante de todo este quadro, o Movimento Sindical dos Trabalhadores Rurais e a Pastoral da Terra, percebendo que as vitórias já alcançadas foram fruto da união, organização, combatividade e resistência dos próprios trabalhadores, reafirmam sua decisão de estimular e apoiar as iniciativas de reivindicações e de defesa dos direitos dos trabalhadores do Vale do São Francisco... Como os responsáveis se omitem ou só promovem os interesses dos grupos econômicos, não podemos mais contentar-nos em aguardar o cumprimento de promessas...", conclui o documento. (da Sucursal)

Liberdade de imprensa

Diversos jornais da imprensa alternativa, entre os quais Tribuna Operária, Movimento, Companheiro, Em Tempo, o Trabalho e Hora do Povo, além de sindicatos, associações, entidades e organizações de massas de Belo Horizonte emitiram um documento conjunto protestando contra os atentados terroristas de que a imprensa alternativa vem sendo vítima ultimamente.

O documento denuncia as diversas formas de ameaça que o governo e as forças de extrema-direita vêm empregando contra os jornais populares e as entidades democráticas. E afirma: "somamos nossa voz ao apelo lançado pelo Sindicato dos Jornalistas de Minas Gerais reclamando a identificação e a punição dos terroristas, como também desde já responsabilizamos as autoridades por qualquer novo ato de força cometido contra a imprensa alternativa, os jornalistas e quaisquer outras entidades democráticas. Torna-se insustentável a ameaça do braço armado clandestino do regime".

(Da sucursal de Belo Horizonte)

Grilagem no Maranhão

Sete famílias ficaram desabrigadas em Seco Grande, município de Porto Franco, quando jagunços e grileiros armados invadiram suas terras, derrubando suas casas, destruindo suas roças e agredindo mulheres e velhos, em 29 de maio último. Um dos lavradores prejudicados afirmou: "ficamos sem casa, sem terra, sem ter o que comer e vestir, somente em grandes aflições e doentes. E como animais selvagens se protegendo do sol, sereno e chuva debaixo das moitas do mato". Durante a invasão houve um conflito armado, entre posseiros e jagunços, onde um jagunço saiu seriamente ferido.

Em Santa Luzia a grilagem é promovida e acobertada pelo próprio prefeito Otávio Rodrigues, que há pouco mais de um mês foi cassado por estelionato mas voltou a ocupar o cargo. Ele vem ameaçando os posseiros e oferecendo quantias irrisórias pela posse das terras. Os lavradores resistem, decididos a "juntar as mãos e lutar por uma reforma agrária radical imediata, liberdade política, melhores condições de vida e a derrubada da ditadura militar". (Da sucursal de São Luís)

Bóias-frias despertaram

A greve dos catadores de café da Bahia, a primeira feita por bóias-frias, contada por quem a liderou: José Novaes.

"Trabalhar com bóia-fria é uma coisa nova. Uma batalha importante é conquistar as próprias conquistas trabalhistas já conseguidas". Esticado na rede, rosto vincado, mãos calosas, José Novaes fala com a segurança de quem conhece o assunto por dentro. Ele dirigiu a greve de maio.

Capitalismo é miséria

A região de Vitória da Conquista (sul da Bahia) vivia da pecuária, num grande atraso, até que há cinco anos introduziram o café naquelas terras que não conhecem geadas. Começou a correr dinheiro através do IBC. As pequenas propriedades e a parceria cederam lugar para o sistema capitalista. Os antigos lavradores se transformaram em bóias-frias. Hoje, eles são 30 mil só em Conquista e Barra do Choça. Com os safristas, que vêm do sertão para a colheita, chegam a 40 mil.

Uma vez implantado o novo sistema — conta Novaes — os salários foram rebaixados. Quando a greve estourou, os homens ganhavam 80 cruzeiros por dia; mulheres e crianças, 40. A região prosperou com o café, mas o trabalhador não tinha como viver.

Reivindicações sentidas

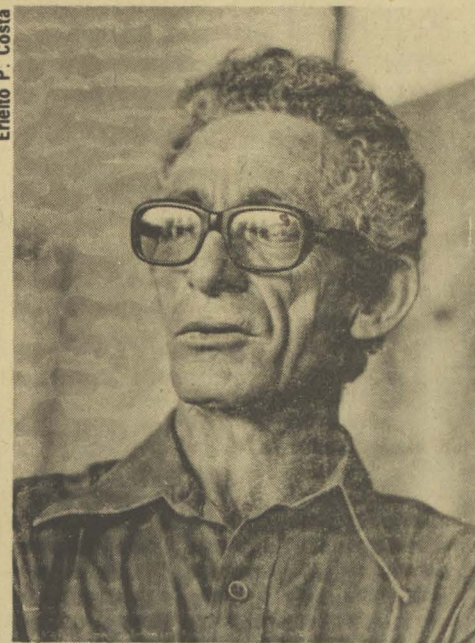
Novaes continua: "Começamos, junto com as Comunidades de Base da Igreja, a estudar a situação. Surgiu a ideia do contrato coletivo de trabalho (o primeiro nas áreas rurais da Bahia) e passamos a lutar as reivindicações: diária de 220 cruzeiros; paga de 40 cruzeiros por lata de café catado; tabela de preços para as empreitadas; salário igual para homens, mulheres e menores; meia jornada e meio salário para os menores de 14 anos; transporte com segurança; carteira assinada; e muitas outras.

"O sindicato está na mão de uns pelegos, que não deram um só passo enquanto a gente não forçou. Mas nós sentimos a importância do sindicato e atuamos dentro dele. Coletamos 2 mil assinaturas exigindo uma assembleia no início da colheita. Entramos em contato com a Contag e a Fetag, que nos apoiaram".

Sendo um movimento legal, houve votação secreta nas assembleias para saber se haveria greve. Em Conquista havia uns 3.500 trabalhadores apesar da forte chuva; só sete foram contra. Em Barra do Choça, assembleia de 2 mil, três votaram "não".

"Começou então — lembra Novaes — a intransigência da Federação Rural da Bahia, representante dos patrões. Só a discussão da diária durou seis horas e terminou num impasse".

Das outras cláusulas, conseguiu-se acordo em 17. Em dez outras, a vitória



Erício P. Costa

dos trabalhadores estava garantida pela própria CLT. Voltou-se então à discussão da diária. Os bóias-frias baixaram a proposta para 180 cruzeiros; os fazendeiros subiram para 130 e ficaram pé. "Não havia mais o que negociar. Partimos para a greve".

Entusiasmo e repressão

Logo no primeiro dia de greve o entusiasmo surpreendeu o próprio Novaes. Dez mil bóias-frias atenderam ao chamado de um panfleto e não foram trabalhar.

No segundo dia a polícia baixou nos piquetes, apesar da greve ser legal. Cercou a casa de um líder; agrediu um advogado sindical; arrombou o telhado do Sindicato de Barra do Choça com uma bomba. O comandante da PM disse que eram ordens de Salvador.

Os fazendeiros quiseram furar a greve mandando trazer safristas de Tremedal, Belo Campo, Brumado, Livramento. Mas pelo menos três caminhões quando suberam da greve deram meia volta e retornaram ao sertão, por exigência dos próprios safristas.

O que a greve deixou

A partir do oitavo dia, o pessoal começou a voltar ao trabalho. "Era a fome mesmo que exigia", conta Novaes — mais ainda porque era a primeira vez e a consciência não era bastante". No décimo dia, houve uma negociação entre o delegado regional do Trabalho e uma proposta contratatória de 142,50 cruzeiros de diária, alertando que os patrões "não estavam

vendo o futuro". O caso foi para a justiça.

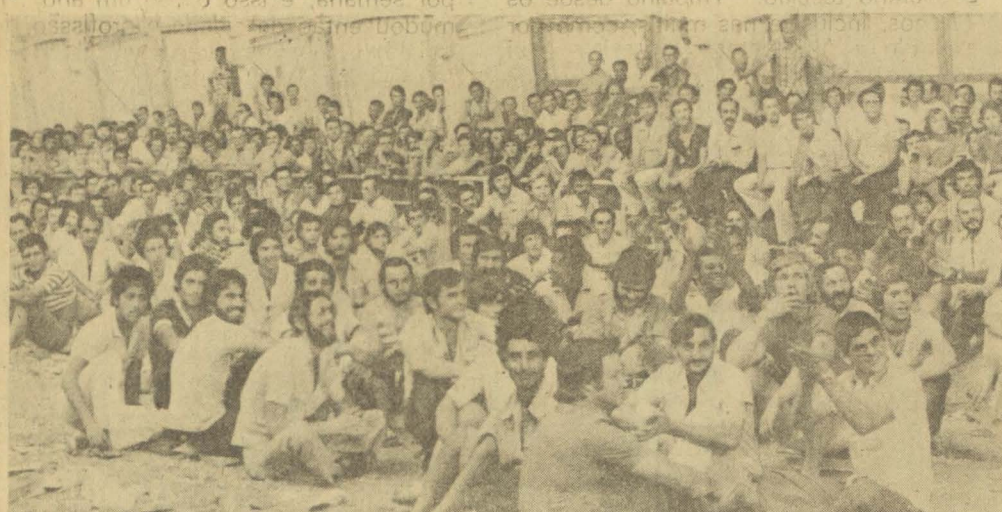
A liderança do movimento reuniu-se. Alguns, pessimistas, falavam em uma "derrota fragorosa, arrasadora". Novaes não. "Pedi para ouvir os trabalhadores. Disse que o derrotismo não era correto. Comecei a falar das vitórias que se teve: 1) fizemos o primeiro dissídio coletivo de toda a história dos trabalhadores rurais baianos; 2) levamos os patrões para a mesa de negociações; 3) os trabalhadores conseguiram ter um papel central no movimento; 4) conseguimos uma diária acima do salário mínimo regional; 5) fixamos a data-base, 12 de maio, época boa porque coincide com a colheita; 6) conseguimos vitórias em 27 cláusulas".

Esta avaliação foi levada para as assembleias que encerraram a greve, depois de 12 dias. E ainda Novaes que conta: "A massa vibrou. Disse que era isso mesmo, que foi uma grande vitória, que o importante é continuar. Colocamos também os pontos negativos: falta de organização, principalmente nas cidades, onde estão 60% dos bóias-frias; fundo de greve pequeno devido a falhas na solidariedade; um certo idealismo na avaliação das nossas forças. Mas ressaltamos os pontos positivos, principalmente a organização dos trabalhadores, em 16 povoados, quatro vilas (das cidades) e no sindicato.

"No trabalho sindical, agora surgiu a necessidade urgente de mandar os pelegos pastar. As eleições vão ser em fevereiro próximo. Estamos fazendo uma campanha de sindicalização em massa e eleição de delegados. O José Francisco mesmo (presidente da Contag) disse que é preciso desenvolver uma luta para derrubar essa diretoria, que não vale nada".

Antagonismo de classe

Outra lição importante que José Novaes tira da greve é sobre o comportamento dos patrões. Muitos são fazendeiros médios, com cem mil pés de café ou menos. E pertencem ao PMDB, ao PDT, são de oposição. Mas na hora da greve, tiveram um comportamento miserável. "Fizemos um manifesto para neutralizá-los, jogando com os programas dos seus partidos. Alguns racharam. Mas aí falou mais alto a contradição de classe". As mesmas pessoas que se aliam aos trabalhadores na luta contra o governo, voltavam-se contra eles no momento da greve. "Fizemos um manifesto para neutralizá-los, jogando com os programas dos seus partidos. Alguns racharam. Mas aí falou mais alto a contradição de classe". As mesmas pessoas que se aliam aos trabalhadores na luta contra o governo, voltavam-se contra eles no momento da greve. "Fizemos um manifesto para neutralizá-los, jogando com os programas dos seus partidos. Alguns racharam. Mas aí falou mais alto a contradição de classe". As mesmas pessoas que se aliam aos trabalhadores na luta contra o governo, voltavam-se contra eles no momento da greve.



Operários durante a greve que inaugurou nova fase na sua luta

Piracicaba quer ter sindicato autêntico

Três meses depois de sua greve, os metalúrgicos de Piracicaba (SP) vão entrar em campanha para a eleição da nova diretoria do sindicato, em novembro. E este ano o processo eleitoral promete novidades. Depois da adesão maciça da categoria à greve e de assembleias de até dez mil metalúrgicos, aumentaram as reclamações contra a atual diretoria, que não muda há 20 anos!

Diretoria atrapalhou

Os operários que a Tribuna Operária ouviu em Piracicaba têm muito a declarar. A greve, a primeira em 16 anos, foi um aprendizado importante para eles. Mostrou-lhes a importância do sindicato e a necessidade de uma diretoria combativa, alinhada com os interesses da categoria.

Todos concordaram que a greve não rendeu o que devia. E apontaram como principal deficiência a atual diretoria do sindicato. Houve outras, como o nível ainda baixo de consciência dos operários, mas, como disse um deles, "isso é uma tarefa do sindicato; se a campanha tivesse sido organizada com antecedência, com assembleias preparatórias, as coisas teriam sido diferentes". A greve saiu numa Semana Santa, a diretoria não preparou nada e ainda foi contra os piquetes. "Isso é falta de responsabilidade — diz um sindicalista, indignado —, mostra como o sindicato está distanciado da categoria. Passados mais de três meses da greve não foi realizada mais nenhuma assembleia para consultar a categoria".

"Um dia contra 20 anos"

"Esta situação fez com que muitos companheiros desistissem do sindicato. Acham que o sindicato é fraco e não ficam sócio, explica um operário especializado da Dedin, que argumenta: "Eles confundem diretoria com o sindicato. A diretoria pode ser ruim, mas o

sindicato somos todos nós e só vai ser forte quando todos trabalharmos nele, inclusive tomando a diretoria".

Além disto a diretoria pelega atual fez promessas que não cumpriu: como o do lançamento de um jornal, um boletim da categoria. Outra arbitrariedade foi a de aumentar a mensalidade de Cr\$ 100,00 para Cr\$ 180,00, numa assembleia com apenas 27 pessoas. "Ao invés de fazer uma campanha de sindicalização, para fortalecer o sindicato, ela aumentou a mensalidade", desabafa um metalúrgico da Conger. E outro completa: "É sempre assim, a categoria nunca fica sabendo das reuniões do sindicato".

Em cima destas falhas e traição que os metalúrgicos se mobilizam para conquistar o sindicato. Em entrevista ao TLO um operador de máquinas da Conger explicou:

"A tarefa de conquistar o sindicato é luta de um dia contra vinte anos e é de todos nós". Ou seja: os operários piracicabanos vão ter que lutar contra uma máquina eleitoral montada há 20 anos, que, por exemplo, preparará para outubro a inauguração de uma piscina no Clube Recreativo para iludir a categoria, e que já começa a fazer promessas eleitoreiras.

Organização nas fábricas

Para derrubar a pelegada, segundo o mesmo operador da Conger, "será necessário que em cada seção e cada fábrica sejam feitas reuniões para discutir as debilidades do sindicato, propor soluções e indicar candidatos que representem realmente a categoria". Outra tarefa que terão para conquistar o sindicato será, sem dúvida, o da sindicalização em massa dos trabalhadores.

Tanto para os metalúrgicos de Piracicaba como para toda a classe operária do país só há uma saída para as péssimas condições de vida, expressa na frase dos grevistas do ABC: "Operário unido jamais será vencido". E neste sentido a conquista do sindicato é de grande importância. (da Sucursal)



Na porta do sindicato, esperando para votar

Pelego caiu por terra

Diretamente de Conceição do Araguaia, nosso enviado especial, o metalúrgico paulista J.R., faz o relato
Grande vitória da oposição por mais de 200 votos sem choro.
Leis trabalhistas pró-pelego impedem posse.
Lavradores continuam na luta e preparam a nova eleição.

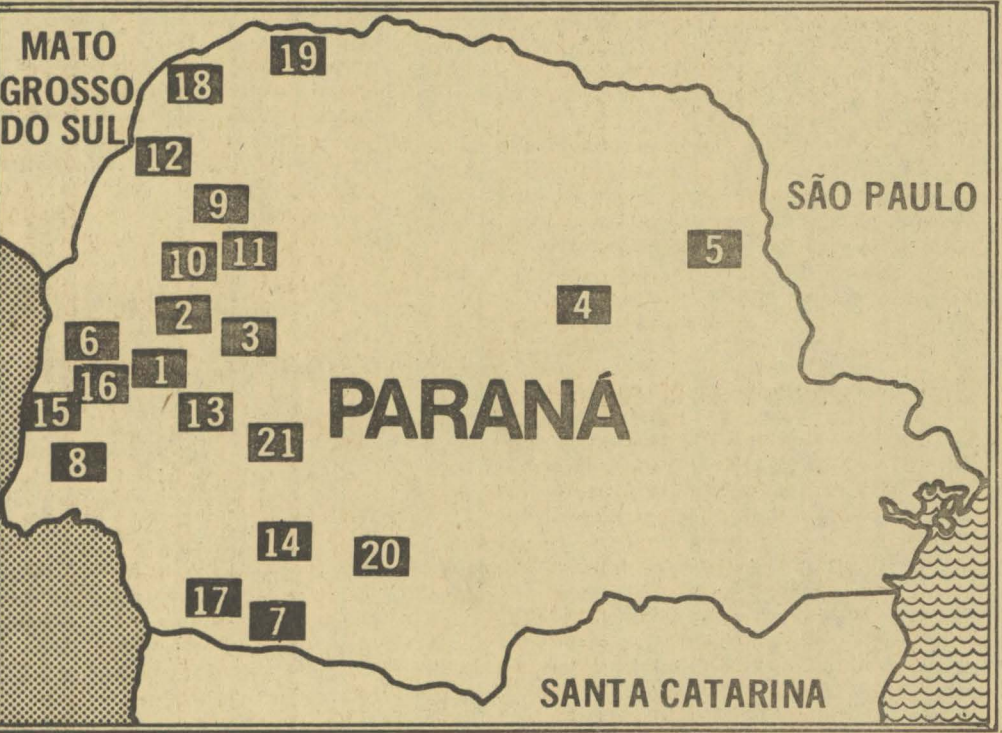
As eleições no sindicato dos trabalhadores rurais, de Conceição do Araguaia, no dia 29 de junho, foram muito movimentadas. Para começar, das quinze delegacias existentes só colocaram urnas nos seis lugares onde a situação achava que conseguiria vencer. No Baixo Araguaia, por exemplo, não puseram nenhuma urna por que sabem que lá é o reduto da oposição.

Os pelegos não esperavam que os lavradores fossem tão combativos. Teve gente que andou mais de 40 km a pé. Lá do Baixo Araguaia lotaram 3 ônibus e um caminhão para trazer mais de 200 trabalhadores, teve gente que saiu de casa na quinta-feira para votar no domingo. Assim foi decidida a sorte da eleição. A chapa dois, da oposição, conseguiu a vitória. O resultado foi o seguinte:

Roubalheira por todo lado

O Sindicato preparou uma lista com 1.126 eleitores; dos quais só votaram 475. Quem não tinha o nome na lista teve que votar em separado. Até o presidente da mesa teve que votar em separado e era gente da chapa um. Foi por causa dessa lista que não deu maioria absoluta pois aos 1126 foram somados os 672 que votaram em separado, o que acabou dando um total de 1798. Se o resultado fosse contado sobre o total de votantes, o sindicato já seria da chapa 2. Houve roubalheira também com a quitação dos eleitores: o eleitor só poderia ficar em dia com o sindicato dez dias antes da eleição, mas muita gente foi vista quitando no dia da eleição. E não queriam deixar que Francisco Bonifácio, presidente da chapa, fizesse a quitação no dia 19, dentro do prazo da lei (Bonifácio é o sucessor de Raimundo, o "Gringo", assassinado por jagunços). Além disso os pelegos usaram todos os truques que o dinheiro permite. Chegaram até a servir refresco na fila da urna, fizeram quitação de gente a domicílio, botavam comerciantes para votar. Até um avião o governo arrumou para o advogado da situação fazer "boca de urna".

Depois de terem perdido nas urnas, os pelegos, instruídos pelo advogado Sérgio Guimarães, tentaram dar um golpe baixo e considerar como certa a vitória da oposição, fazendo a conta pelos trabalhadores votantes. Mas os



PR: luta acesa no campo

"A propalada intenção do governo de resolver os problemas de terras não se realizou. Os conflitos se arrastam há décadas e sua solução só virá com uma mudança radical na política agrária brasileira". A declaração é do vice-presidente da Federação dos Trabalhadores Rurais do Paraná (Fetarp), Augustinho Bukowski. Existe 1,4 milhão de trabalhadores rurais no Estado: 1 milhão de volantes (bóias-frias), 200 mil pequenos proprietários e 200 mil parceiros. Os principais conflitos com la-

tifundiários são os seguintes, segundo a Fetarp (veja o mapa): 1) Colônia S. Pedro; 2) Assis Chateaubriand; 3) Nova Aurora; 4) Ortigueira; 5) Wenceslau Brás; 6) Rondon; 7) Vitorino; 8) Medianeira; 9) Umuarama; 10) Alto Piquiri; 11) Mariluz; 12) Icaraima; 13) Gleba Tormenta; 14) São João; 15) São Clemente; 16) Linha Guarani; 17) Piracema e Bom Jesus; 18) Glebas 59 e 18; 19) Fazenda Curitiba; 20) Mangueirinha; 21) Guaraniçua. O número de famílias atingidas sobe a milhares. (da Sucursal)

oposicionistas, sob orientação jurídica do advogado Paulo Fontelles da CPT, perceberam que essa vitória não seria aceita pelo Ministério do Trabalho e viria outro interventor.

Tentativa de golpe

Ái os pelegos tentaram puxar a nova eleição para dia 14 de julho, como estava no edital, o que seria muito ruim para os trabalhadores, pois não daria tempo de mobilizar todos de novo. Além disso, em 14 de julho as listas seriam as mesmas. Depois de uma importante reunião dos trabalhadores no sindicato, mais uma vitória foi conseguida pela oposição: as eleições serão feitas no dia 28 de setembro, as urnas desta vez seriam colocadas em todas as delegacias do sindicato e as duas chapas irão acompanhar o processo, principalmente a elaboração das listas eleitorais. Foi muito importante a participação da Contag nessas decisões.

Avaliação das eleições

Os elementos da Chapa 2 fizeram uma avaliação francamente positiva da primeira eleição. Foi uma grande vitória contra os pelegos, do governo, dos grileiros, fazendeiros e da polícia. Também foram apontadas as falhas, que decorreram principalmente da falta de experiência dos trabalhadores. Outro erro importante apontado foi a pouca participação dos oposicionistas nas atividades sindicais, o pessoal da chapa 2 não frequentava muito o sindicato. Também foi criticada a centralização da campanha num local só.

A segunda campanha

Mas os combativos trabalhadores rurais de Conceição não descansam e já preparam a nova tática. Para as próximas eleições, vão criar uma equipe permanente em Conceição.

Vão colocar delegados da chapa em todas as delegacias para acompanhar o trabalho do sindicato e já convocaram uma grande reunião da Chapa 2 nos dias 1, 2 e 3 de Agosto, em Conceição. Vão rodar 5000 exemplares de um manifesto que conta como foram as primeiras eleições, e a campanha de finanças lançará bonus para as entidades e trabalhadores.

A oposição sindical em Conceição conta com o apoio de todos os democratas e trabalhadores para botar os pelegos para fora. (J.R.)

OPERÁRIOS NO EXÍLIO

Existem 250 mil refugiados político-econômicos no Brasil, entre argentinos, uruguaios, paraguaios e chilenos. Grande parte, principalmente dos chilenos e uruguaios, é formada de operários. Alguns estão sob proteção da ONU, na condição de "refugiados em trânsito por seis meses", mas a maioria vive sem documentos, em situação irregular. O governo brasileiro recusa-se a dar-lhes asilo político. Asilo, no Brasil de hoje, só para reacionários e fascistas.

Logo depois de sua visita à Argentina, Figueiredo enviou ao Congresso um projeto de lei, que será votado dia 5 de agosto, permitindo a expulsão sumária desses refugiados. É uma lei que ajudará diretamente às ditaduras latino-americanas e por isso mesmo despertou uma campanha de repúdio que começa a ganhar corpo. Ao mesmo tempo, cresce no Brasil e no exterior um movimento para que o Prêmio Nobel deste ano seja entregue às "Mães da Praça de Maio" — que lutam para localizar seus familiares desaparecidos na Argentina.

A *Tribuna Operária* ouviu alguns desses refugiados, omitindo nomes para resguardar sua segurança. Suas histórias são como apelos vivos para que nossa classe operária e nosso povo reforcem a luta na frente da solidariedade internacional. (Bernardo Joffily)

M.A.C. está no Brasil desde 1978 e já fala o português quase sem sotaque. Aos 25 anos, já tem uma longa história para contar.

Há cinco anos ele trabalhava em Buenos Aires e pertencia à comissão de fábrica de uma indústria alimentícia. Ameaçado pela sinistra "Aliança Anticomunista Argentina", mudou para uma fábrica de automóveis. O Exército foi procurá-lo em casa. M. buscou outros empregos, em firmas pequenas, sem garantias. Veio o golpe de 1976. Os contatos com os companheiros de sindicato foram cortados pela repressão. A família passou a ser o único apoio, mas um familiar foi seqüestrado, depois outro, ambos torturados. M. fugiu então para o Brasil.

"Um tremendo apoio"

Começa aqui a segunda parte das privações de M.: "Tentei trabalhar no meu ofício, em pequenas firmas metalúrgicas e na construção civil. Era um trabalho temporário, por um mês, um mês e pouco... depois, exigiam os papéis, e eu não tinha papéis para mostrar. Trabalhei muito tempo como encanador".

M. lembra com carinho o apoio que tem recebido no Brasil. "No início a solidariedade era em círculos pequenos e mais econômica do que política. Era a própria etapa da luta dos trabalhadores brasileiros que não permitia mais. Mas desde o início eu senti um tremendo apoio, um esforço grande para conseguir trabalho, moradia. Certa vez eu não tinha onde morar e foi o pessoal da firma que se mobilizou e conseguiu uma casa bem barata. Uma solidariedade ativa. Depois, na medida que a luta daqui progrediu, a solidariedade foi também se ampliando".

G.C. tem praticamente a mesma idade e um relato mais trágico. Ele

A grande traição ao socialismo (V)

Iugoslávia: a primeira a trair

O enterro do dirigente iugoslavo Broz Tito juntou um cortejo impressionante, que ia desde a mãe de Jimmy Carter, Hua Kuo-feng, até Brejnev. Todos elogiaram o morto, e sua política de "socialismo não alinhado". Mas que socialismo é esse que agrada a gregos e troianos?

A República Popular da Iugoslávia nasceu de uma heróica resistência popular durante a 2ª Guerra Mundial, que, assim como na Albânia, expulsou os agressores sem precisar de auxílio militar direto. Tudo indicava que o povo, tendo à frente os comunistas e seu partido, iria marchar para o socialismo.

A realidade foi bem outra. O PC da Iugoslávia, mesmo depois da tomada do poder, não atuava abertamente, escondia-se atrás da Frente Popular. Segundo Tito, isso era para não assustar a burguesia, nem os americanos e ingleses.

Primeiras divergências

Em 1948 Stálin enviou uma carta a Tito manifestando as preocupações do movimento comunista e operário com os sinais de degeneração da sociedade iugoslava. "Não se sente no PC da Iugoslávia o espírito da luta de classe. (...) Tanto nas cidades como no campo estão crescendo os elementos capitalistas e a direção do Partido não toma nenhuma medida para freá-los".

Tito não aceitou as críticas e passou a acusar a URSS e Stálin de interferência nos assuntos internos de seu país. Esse conflito levou ao seu rompimento definitivo com o movimento comunista mundial. A política iugoslava descambou então para a restauração do capitalismo. A lei da "autogestão", em 1950, desmantelou o setor nacionalizado da economia. Em 1951 foi assinado um acordo militar com os Estados Unidos e em 1952 um acordo econômico.

Resistência ao titismo

A política contra-revolucionária de Tito encontrou sólida resistência entre os povos e os comunistas iugoslavos. Tito apelou então para a violência em larga escala. Entre 1948 e 1952 mais de 200 mil comunistas (de um total de 400 mil) foram expulsos do Partido. Só na República iugoslava de Montenegro, on-



Mães da Praça de Maio, exigem uma resposta do governo

conheceu os porões da ditadura de Videla. Operário da construção, depois metalúrgico, foi seqüestrado dentro da fábrica, em 1976. E passou mais de três anos percorrendo os cárceres e câmaras de torturas de La Plata, Córdoba, Caseros, sem qualquer processo, até ser solto, este ano, e refugiar-se no Brasil.

Os casos que ele conta são apenas uma pequena parte do que fizeram as Forças Armadas argentinas, mas dariam um livro inteiro. "Veio comigo um rapaz epilético; foi torturado cinco dias por não querer assinar um papel". "Em Córdoba, um companheiro foi para a cela de tortura com bigodes e voltou sem, haviam arrancado fio por fio". "O objetivo é criar o terror; de quatro irmãos, fuzilaram dois, mataram um terceiro crucificado, mas pouparam o quarto, para contar a história". "A fábrica Sanco de laticínios tinha 500 operários; 50 estão ou presos ou mortos, ou desaparecidos".

A luta na Alpargatas

R.E.S. é um pouco mais velho, andará na casa dos trinta anos, bigodes caídos, uns olhinhos vivos e brincalhões. É operário tecelão. "Trabalho desde os 12 anos, inclusive nas multas, como por exemplo a Alpargatas, que existe aqui no Brasil e que na Argentina tem 20 mil operários. Houve uma greve lá, no ano passado. Mas quero primeiro denunciar a exploração que sofremos". "Dentro da Alpargatas você perde o nome e o sobrenome, transforma-se num número. Pagam por produção e jogam os mecânicos contra os tecelões para aumentar a produtividade. Não há intervalo para refeição, mas um sistema de fichas para umas máquinas americanas em que você come um sanduíche e uma Coca-Cola, em cinco minutos. No setor H-5, trabalham 800 teares, num galpão fechado, sem renovação de ar, a uma



de os membros do governo e do Comitê Central foram detidos, 8 mil comunistas foram mandados para o campo de concentração de Goli Otok, mais de 5 mil oficiais e comissários do exército foram presos e outros 12 mil afastados.

Propriedade privada

Para a direção iugoslava, a propriedade privada capitalista deve ser respeitada e mantida. Quase a metade dos assalariados do país trabalham para os patrões no setor privado; e no campo 90% das terras pertencem ao setor privado.

Mesmo o setor social nada tem de socialista. A "autogestão" fracionou a economia, as empresas "autogestionadas" concorrem entre si e geram a anarquia típica do capitalismo. Dentro da empresa, não são os trabalhadores que mandam, mas a casta dos administradores. A Constituição dá a eles o poder de contrariar as decisões dos "conselhos operários" que teoricamente dirigem as empresas. E o desnível salarial é tão grande que alguns diretores ganham até 40 vezes mais que um simples operário. O próprio Tito reconhecia que certos ricos têm depósitos de até 4,5 milhões de dólares em bancos estrangeiros.

Falsa independência

Estes dados mostram que existe uma nova classe dirigente que controla as principais decisões e explora a força de

temperatura de 30 graus e sob uma chuvinha constante, para manter a umidade. Ao final, tínhamos 900 companheiros meio loucos, ou com problemas de surdez, de coluna e de pulmão".

Ele contou também das lutas na empresa, e como o Exército ocupou militarmente a Alpargatas em 1976. A casa de R. também foi ocupada, por 25 soldados, que seqüestraram e torturaram seu irmão. R. teve de fugir para o campo, onde empregou-se como ordenhador de vacas, depois como operador de colheitadeira. "Uma vida dura, a do operário rural — conta ele. Sem direito, sem sindicato, trabalha isolado, de sol a sol, 14, 16 horas por dia. Pode trabalhar menos, mas não vai comer".

No Brasil, sem documentos, R. também sofreu muito. Tentou trabalhar de pedreiro, foi até "leão de chácara" numa boate de homossexuais. "Tudo por ter tido uma vida honrada, por ter defendido os companheiros, ter que fazer uma coisa dessas, degradante para um operário".

Greve no 1º de Maio

U.D. é uruguaio e fala com a tristeza de um povo de 2,6 milhões de seres que teve 120 filhos mortos sob tortura, 200 desaparecidos, 40 mil cassados e um milhão de exilados na década de 70.

Ele era operador de cinema em junho de 1973, quando houve o golpe de Estado. Foi detido pelo trabalho que fazia junto aos peões das redondezas de sua cidade. Alguns dias depois, outra detenção; e outra ainda. Quantas no total? "Perdi a conta; eram umas duas por semana, e isso durou um ano". P. mudou então de cidade e profissão, foi trabalhar na construção civil. No 1º de Maio deste ano, a ditadura de Aparício Mendez resolveu mudar o dia das comemorações de quinta-feira para segunda-feira. "Decidimos que ninguém ia trabalhar no dia 1º e realmente 70% da categoria parou. Dia 2, fomos todos despedidos. Fui detido, torturado e obrigado a apresentar-me uma vez por semana na polícia. Resolvi exilar-me".

Todos manifestaram seu desejo de ficar no Brasil, perto de suas pátrias, e não em países europeus. E mostraram também confiança de que o povo brasileiro está ao seu lado, solidário, nesta batalha em defesa da liberdade.

trabalho dos operários no mesmo estilo do já conhecido capitalismo ocidental.

O país é uma fonte segura de matérias primas e lucros para as multinacionais norte-americanas e europeias.

Os direitos dos investidores estrangeiros em 1979, com a aprovação de uma lei que os coloca em pé de igualdade com as firmas nacionais, abrindo-lhes todos os setores da economia. A dívida externa iugoslava chega à mais de 11 bilhões de dólares, sendo 7 bilhões junto aos Estados Unidos. Isso empurra o país para acordos reacionários e fascistas como o *Pacto dos Balcãs*, um braço mediterrâneo da OTAN. E ainda chamam isso de política de "não alinhamento".

Face humana?

A Iugoslávia sofre hoje todas as chagas do capitalismo. Os preços aumentaram 149,7% entre 1972 e 1977. Em 1979 a inflação foi de 32%.

A crise mundial do capitalismo atingiu em cheio a Iugoslávia. Mais de 500 empresas vão à falência a cada ano. Os desempregados eram 753 mil em 1978 e hoje já chegam a um milhão, ou cerca de 10% da força de trabalho. Setecentos mil imigrantes iugoslavos servem de mão-de-obra barata em países europeus.

Outro aspecto da degeneração é o abismo entre as várias regiões e nacionalidades do país, umas concentrando a indústria e o comércio, outras pobres e subdesenvolvidas. A renda média per capita da Eslovênia, Croácia e parte da Sérvia é o triplo da de Kosovo, Macedônia e Montenegro. O problema nacional é muito sério e as tensões se aguçam.

E por tudo isso que o "socialismo de face humana" de Tito é tão aplaudido por americanos e soviéticos, chineses e até pelos governantes brasileiros. A Iugoslávia foi o primeiro país onde se revisou os princípios socialistas e se restaurou o capitalismo.

Mas a resposta a esses problemas será dada, pela classe operária e pelo camponês trabalhador da Iugoslávia. As greves e manifestações se repetem. O regime mantém-se pela violência, pela corrupção, mas amadurecem nos meios populares as premissas de uma nova revolução. (José Carlos)

Alunos com professores

“A luta dos professores e dos metalúrgicos foi uma luta da busca da verdade, da justiça. E afinal de contas levaram um não do governador Francelino Pereira. Os professores e metalúrgicos mereciam mais. O professorado mineiro merece muito e por isso luta para que haja nas escolas laboratórios equipados, material escolar, enfim, para acabar com as taxas que as escolas não deviam cobrar porque são do governo. Professores, continuem a luta, vale a pena”. (De uma aluna da 7ª série).

A greve dos professores do ensino oficial em Minas deixou raízes, e, às vezes, muito profundas. Entre o português, a geografia e a história foi introduzida uma outra matéria: lição de luta, de busca de legítimos direitos.

No Colégio Pedro Aleixo, os alunos, além de darem todo seu apoio aos professores durante a greve, quando da volta dos professores punidos com suspensão prestaram-lhes uma homenagem, mostrando sua solidariedade. Desta forma, os alunos vão aprendendo. As lições práticas da vida não lhes faltam sob este governo antipopular. Como afirmou um aluno da 5ª série em sua redação: “A greve é guerra porque os professores lutam para conseguir merenda escolar de boa qualidade, boas condições de ensino e trabalho, condições de boa saúde, melhores salários para os professores e serventês. Por isso eu acho que todos os professores devem lutar pelos seus direitos, porque o governo não devia fazer isso com eles. Os professores não são de ferro, eles são de carne e osso como todo mundo. Alguns professores foram presos e fizeram greve de fome e o governador Francelino Pereira não quis dar aumento. Mas eles não desistem porque a greve continua”. (Grupo de professores secundários amigos da Tribuna Operária - Belo Horizonte, MG)



PM contra estudante

Aconteceu em maio, mês dos trabalhadores. Mais uma vez a repressão baixou em praças brasileiras. Um grupo de soldados, armados até os dentes, reprimiu, à base de cassinetes e cachorros treinados, um pequeno grupo estudantil em plena praça universitária.

Por quê a revolta estudantil? A revolta surgiu por causa da vinda a Goiânia de Figueiredo e do ditador paraguaio Alfredo Stroessner. Esta revolta é a prova de que o povo, o jovem goiano, não está satisfeito com o nosso presidente.

Nós, estudantes, perguntamos: será que algum policial daqueles que lá estavam não tem algum filho estudante, um filho que tenha um ideal, um filho que não seja alienado e lute pelo bem da nação e por melhores condições de vida para a classe pobre? Perguntamos ainda aos policiais e militares brasileiros: por que batem? por que torturam?

Nós, estudantes, ainda somos uma voz muda neste país da burguesia e dos ditadores. Mas porque? Achamos que nem precisa de resposta... (Grupo de estudantes de Goiânia - GO)

Povo norte-mineiro luta por seus direitos

O Norte de Minas, como outras regiões do Brasil, tem sido também palco de injustiças sociais. A corrupção aqui anda solta, como gado na manga. Figuras corruptas e cínicas, como o governador Francelino Pereira e outros, chegam aqui com projetos e mais projetos (que nunca passam de demagogia) tentando continuar iludindo e enganando o povo pobre. É preciso que todo o Brasil saiba que esta é uma das regiões onde o povo mais sofre, vítima da estrutura latifundiária, da miséria e da opressão social. A fome, a doença de Chagas, a verminose e outras componentes da miséria imperam nesta região, principalmente entre a população do campo.

Tudo isto vem nos mostrar que o governo não está interessado no bem estar do povo. Pelo contrário, a exploração aumenta a cada dia que passa e fica cada vez mais difícil o povo viver. Famílias do campo estão perdendo suas terras e vindo habitar as primeiras favelas



E hora de falar nos heróis do Araguaia

É hora de se falar nos heróis que tombaram no Araguaia. Quem, entre seus amigos, é capaz de escutar uma seresta sem se lembrar do violão de Idalício e da voz de Valquíria? Quantos novos amigos não fizeram eles entre o povo pobre da mata? Quando veio a noite do fascismo eles não desanimaram um só minuto. A reação não podia impedir que Idalício se elegeisse presidente do Centro de Estudos de Psicologia, com um programa amplamente discutido nas salas. A sala de Valquíria era uma tribuna onde se denunciava e onde se discutia tudo.

Ambos eram muito queridos no movimento estudantil. Quando se debatia a necessidade de uma

política ampla, com bandeiras e formas de luta que permitissem aos estudantes escapar do cerco da repressão, era obrigatório citá-los como exemplo. Eles sabiam como responder ao banditismo da ditadura.

Lembrei sempre a ocasião em que um estudante de Economia argumentava usando os índices falsificados de Delfim e Cia, e Idalício respondeu com o preço das coisas nas feiras. Eram azares, sim, mas tinham os pés no chão.

Não se fazia uma panfletagem sem os dois. O seu lugar era na vanguarda. Militantes do PC do Brasil, eram inteiramente devotados à causa da revolução e da classe operária. Abandonaram sem vacilar a perspectiva de uma ca-

rreira. E, recém-casados, foram viver na região da guerrilha.

Entre os estudantes mais combativos, conscientes da necessidade da luta armada e desiludidos com as ações foquistas, era voz corrente que qualquer tentativa séria de luta armada deveria contar com os dois.

Já foi dito que a importância do Araguaia se agiganta com o tempo o que não elimina de maneira alguma o esforço consciente de propagar a sua experiência. Heróis como Idalício e Valquíria e outros que saíram de Minas, como Paulo (bancário), Rodolfo e muitos mais devem ficar na consciência de nosso povo. (Um amigo de Valquíria e Idalício - Rio de Janeiro, RJ)

O que o exército fez de meus filhos?

A ditadura até hoje procura cercar a guerrilha do Araguaia com um muro de silêncio. Mas os fatos vêm à tona. A família de dois soldados que participaram da repressão aos guerrilheiros quer notícias dos filhos. Um deles, Israel, foi dado por desaparecido. E o outro, Jorge, encontra-se prisioneiro do Exército em Abunã, Rondônia, sendo proibido inclusive de entrar em contato com seu próprio advogado. A mãe de ambos, Maria da Conceição Santos, dirigiu a seguinte carta ao povo e às autoridades (sendo analfabeta, a car-

ta foi ditada a Paulo Sérgio Martins, membro da OAB):

Queria que eles viessem para o Rio, ficar perto da gente. Ao menos o que estivesse vivo. Que deixassem ele vir. Que os governos de lá não deixam ele vir. Que trouxesse o neto, para ele conhecer os avós.

Que o presidente devia autorizar para ele ver a família. Para conhecerem a mulher dele, Maria Isete, e o netinho. Esta situação dá até desgosto. É muito importante que todos os dois aparecessem.

A pessoa ausente tem saudade

da família. Pararam de escrever com medo de acontecer alguma coisa a eles. Todo mundo ficou muito suspeito depois que Maria Isete escreveu dizendo prá gente não perguntar por Israel pra não acontecer nada com Jorge.

Todo dia pensava uma coisa. Já perdeu a esperança na Justiça de resolver. Não vai lá por medo e a viagem é cara. Que sempre recomendou aos filhos que mandassem notícias. Pensa muito neles e deseja ver eles, mas é um caso difícil. Que a obrigação do governo é zelar por Jorge para nada acontecer a ele.

Morte aos burgueses

Vós, que vos alimentais dos meus ossos, que bebestes o sangue dos meus avós e quereis agora devorar o meu pão; Vós, bestas desse sujo mundo, que me prendeis nesse chão imundo prá gozar em paz nossa exploração!

Vós pagareis com a morte os séculos que sofremos sob o chicote de vossa impiedosa mão, a paz será de todos e não privilégios de poucos, depois de consumada vossa destruição!

Sempre tivestes pavor da guerra mas espalhai o terror sobre a terra em proveito de vossa hipocrisia. Mas vosso tempo chegará e com a vida haveis de pagar a desgraça da grande maioria!

Vós, que nos fizestes escravos, matando nosso companheiro, sabeí que haveremos de lutar! Não seremos dóceis e servís Viveremos bem alegres e felizes quando nossa revolução triunfar!

Enfim, a paz reinará, num clima de amor o homem sorrirá sem competição e egoísmo; há de haver sangue, luta armada e uma nova ordem instaurada na verdade dialética do socialismo! (D.B. - Salvador, BA)



Pregação do Papa leva a um falso caminho

De fato o bispo D. Pedro Casaldáliga tem completa razão ao afirmar que “o setor conservador da Igreja e o poder internacional do capitalismo estão se apropriando do papa, transformando-o numa figura popular, simpática e carismática, mas fora dos problemas sociais e políticos”.

O que se pode deduzir pelos discursos até agora pronunciados pelo papa é que os padres não devem se envolver em política, como D. Helder, D. Evaristo, D. Pedro Casaldáliga e outros vêm fazendo. Além de pedir para os padres se colocarem fora da política propriamente dita, também pede para que a Igreja Católica combata a luta de classes, a violência da juventude, etc.

Acontece, contudo, que a violência existente no Brasil atualmente provem do governo contra o povo e a juventude e não da juventude. Como se poderá evitar a violência se os governantes são os mais violentos? Como evitar que o povo se revolte se os governantes se colocam contra o povo e as justicas sociais? Os pedidos do

papa para que haja uma justiça social e dignidade humana são maravilhosos. Será que o governo ficará sensível a tais pedidos? Tudo indica que não. Ontem mesmo já comprovamos que a violência não pára, no caso de Dalmo Dallari.

Será que o governo combaterá grupos para-militares de direita como sempre combate a esquerda? Quando será que alguma violência de direita será punida de verdade no Brasil?

Quem mais ganhou com a visita do papa foi de fato o capitalismo e a direita. O papa amorteceu as reivindicações dos trabalhadores, procurando tirar o clero do campo político e incentivando o mesmo a combater as oposições mais radicais ao regime. A Igreja progressista e a conservadora estão num grande dilema depois da visita papal.

Quem saiu ganhando com a tal visita? Infelizmente foi a Igreja conservadora. Em matéria de análise política tem-se que analisar os fatos com realismo e não como gostaríamos que o fossem. (L.R.T. - São Paulo, SP)

Visita de Wojtyla nao enche barrigas

A Nação comporta-se como aquele pobre cidadão descontrolado que se prepara para receber uma autoridade a quem é grato e se põe a fazer despesas desmesuradamente, preocupado apenas em salvar a imagem, como se pudesse fazê-lo sem que o visitante desse por conta. Como se o papa não soubesse que devemos bilhões de dólares, que temos uma balança comercial de há muito desgobernada e que atingimos, exatamente agora, a maior inflação da história do país.

Vivemos em muita pobreza, Santidade! E agora mais necessitados do que nunca, não sendo justo gastar a soma que gastamos para ouvir e ver-te falar. Não é que não mereças, é que no rigor da verdade não podíamos.

Certeza tenho contudo que esta gente ficará feliz, viverá um carnaval antecipado, uns cantando, alguns sonhando com o céu, outros a divertir-se com os feriados. Acredito que haverá conversões, aumento das vocações sacerdotais, enquanto não faltarão



Jagunço criminoso impune

Em Unha de Gato e Nova Vida (Lago da Pedra), incluído Baixão dos Caboclos, as famílias que há vários anos moram lá estão sendo ameaçadas pelo grileiro Evaristo Martins Valério, que se diz dono do lugar. Os lavradores o denunciaram na delegacia de polícia, mas o delegado respondeu que não podia dar jeito.

Um dos lavradores testemunhou que o jagunço do grileiro era criminoso, pois já tinha assassinado uma pessoa há vários anos. Hoje esse assassino vive amedrontando os lavradores e não tem punição alguma. O único meio que temos é nos organizarmos e fazer como os companheiros de Mato Grosso. Através da união nós temos coragem prá tudo.

Em Nova Vida, perto da cidade,

outro grileiro, chamado Rumão Martins Chaves, está ameaçando 60 famílias de expulsão do povoado, dizendo que toda a terra é dele.

Os lavradores pediram informações à COTERMA (Companhia de Terras do Maranhão) que, como o Getat, só serve para legalizar a grilagem. Queriam saber se Rumão tinha ou não tinha documento do terreno.

O indivíduo vem forçando os lavradores a pagar renda de dois alqueires por linha. Os lavradores estão fazendo abaixo-assinado para entregar à COTERMA, exigindo que o problema seja solucionado imediatamente, porque se não resolver nós partiremos prá briga. (Grupo de lavradores de Lago da Pedra - MA)

Passeata vitoriosa

A Tribuna Operária nº 13 trouxe em sua página 7 uma reportagem com o título *Protesto Popular em Presidente Prudente*. Faz-se necessário, portanto, publicar os resultados daquele protesto que levou o povo daquelas pobres vilas de Presidente Prudente às ruas, protestando contra a violência e a falta de emprego na cidade, além de criticarem a política agrária brasileira, que favorece os pecuaristas, fazendeiros, em detrimento do povo que fica mendigando uma ninharia.

O resultado da passeata foi uma grande vitória do povo pobre. O juiz de Direito convocou os delegados para uma reunião e traçaram uma linha de ação para tirar de circulação os elementos que aterrorizaram o bairro e que já tinham feito duas vítimas fatais.

O prefeito Paulo Constantino, para quem se reivindicou verbas para a construção de um abrigo de menores em condições de recu-

perar os menores marginais, tentou jogar a culpa da não construção do abrigo no deputado opositorista. Então o povo, após acalorada discussão com o prefeito, o desmascarou. E ele ficou todo sem jeito prometendo uma solução.

Um mês depois o problema da violência estava praticamente resolvido. Mas o povo não se acomodou. A passeata elevou o nível de consciência de todos. Prova disso é o fortalecimento da Associação dos Moradores da Vila Brasil e adjacências, que está trabalhando a todo vapor e já soltou um jornalzinho falando das vitórias conquistadas e das novas lutas a serem travadas nos próximos meses. Todos sabemos que nosso maior inimigo é a ditadura militar e que ela é a responsável pelas injustiças e pela fome que assolam nosso país. Assim o povo vai se juntando, fazendo cumprir seus direitos com muita luta, e, claro, com a P.A.M.L. - Presidente Prudente, SP.

Contratação do general revolta petroquímicos

O General Geisel ganhou um presente do governo, dos patrões e das multinacionais: com tanto brasileiro desempregado ou com baixo salário, o general conseguiu dois empregos com grande mordomia e poder na indústria química brasileira.

Agora Geisel é o presidente do Conselho de Administração da *Norquisa*, Nordeste Química S.A. e da *Copene*, Companhia Petroquímica do Nordeste. Além de tudo isso ainda recebe duas altas pensões como ex-Ministro do Supremo Tribunal Federal e como ex-Presidente da República. E tem mais: ele vai continuar morando em sua enorme mansão de Teresópolis. Só vai para a Bahia de vez em quando; e quando estiver em Salvador ficará hospedado na suíte presidencial do Hotel Meridien, cuja diária custa 12.000 cruzeiros pagos pelas firmas. Quanto ao salário de Geisel na Norquisa, reina o mais completo mistério. Quando os jornalistas lhe perguntaram ele ficou bravo e nada disse.

Mas por que tantas vantagens? Quem sai lucrando com Geisel na presidência de grupos tão importantes para a indústria petroquímica? Será que isso é bom para os trabalhadores de Camaçari?

Walter Ribeiro, presidente do Sindicato, em declaração especial para a "Tribuna Operária" foi bastante claro: "Eu acredito que a posse de Geisel é outra maneira do sistema ditatorial se implantar no polo petroquímico, uma direção a nível do sistema ditatorial que a gente vive hoje no país, ou seja, uma ditadura no polo petroquímico."

Carreira de servidor dos interesses das multinacionais

A verdade é que Geisel vai continuar sua triste carreira de servidor dos interesses multinacionais. Quando ele foi presidente do Brasil, contra a vontade da grande maioria da nação, empurrou ainda mais a economia para a crise e a desnacionalização.

Os trabalhadores nunca esquecerão que o governo Geisel fechou o Congresso e proclamou o "pacote de abril". Foi um tempo em que o entreguismo correu solto.

Foi Geisel o responsável pelo grave crime anti-nacional da quebra do monopólio estatal do petróleo, criando os malfadados "contratos de risco" e entregando nosso subsolo para as mul-

tinacionais.

Foi Geisel quem celebrou o absurdo Acordo Atômico com a Alemanha, atrelando nosso país às potências estrangeiras numa questão decisiva como energia elétrica. Em todas essas negociações foram gastos bilhões de dólares tirados do bolso dos que pagam impostos, ou seja, dos trabalhadores.

Foi Geisel que se cercou de alguns dos mais notórios vende-pátria que o Brasil já viu — nomeadamente o general Golbery, empregado da Dow Química e chefe da Casa Civil até hoje, e o capitão Carlos Heitor de Aquino, secretário particular do presidente.

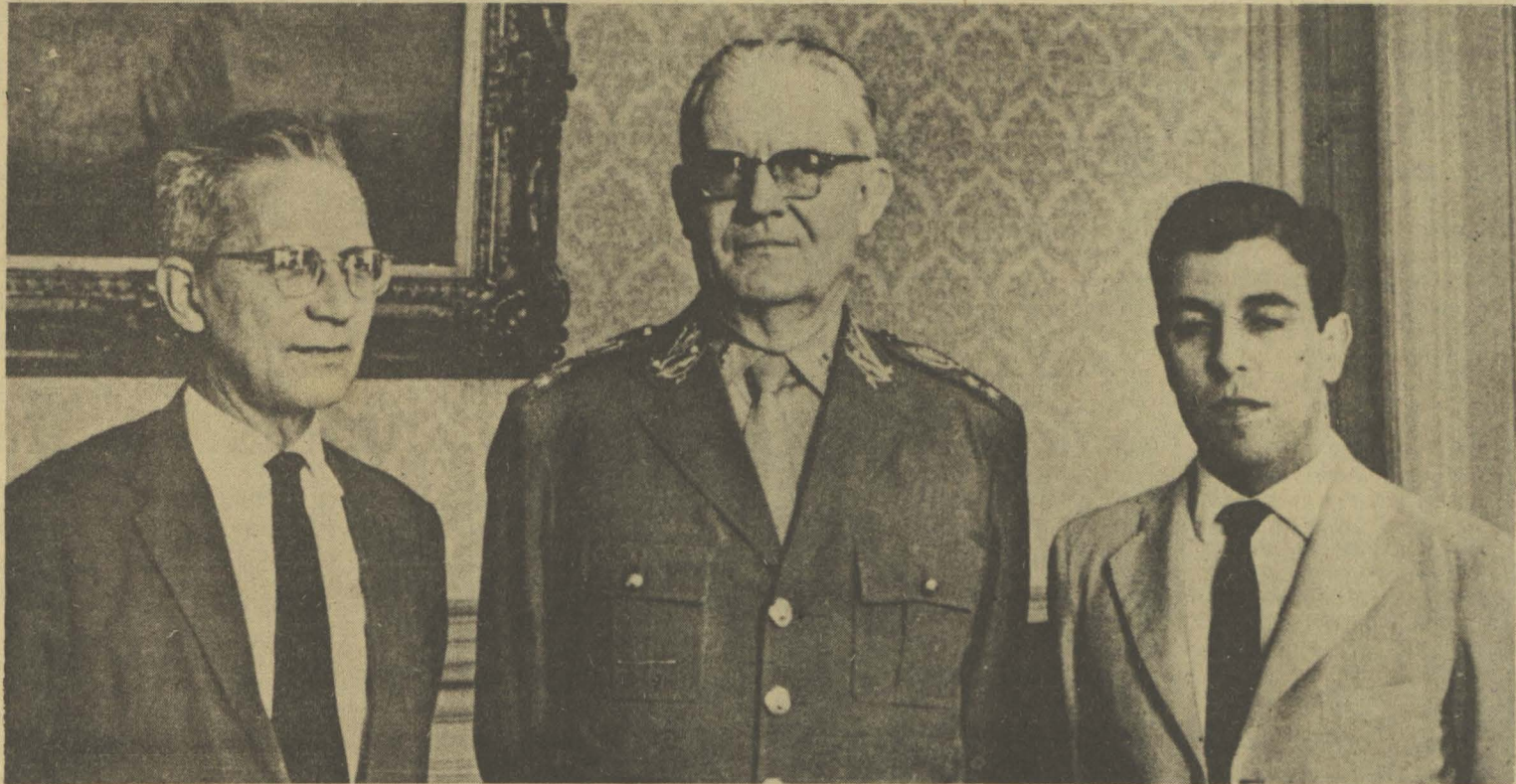
O imperialismo ficou com parte do leão na petroquímica

Um dos maiores golpes de Geisel foi, sem dúvida, o projeto petroquímico de Camaçari, na Bahia, que envolve mais de 3 bilhões de dólares em investimentos e o festival de subsídios tirados do orçamento da República. A base do projeto foi comprar tecnologia importada e construir grandes unidades com altíssima concentração industrial. A desculpa foi a mesma de sempre, ou seja, o rápido crescimento da economia e a necessidade de cortar importações na indústria química. Mas a verdade é bem outra. O verdadeiro objetivo de tanta pressa e de tanta concentração de capital foi quebrar o monopólio do Estado na petroquímica.

Foi Geisel que bolou o modelo tripartite da petroquímica. Todas as indústrias mais lucrativas do complexo foram divididas em três partes: um terço para o Estado através da Petrobrás, um terço para o capital nacional e um terço para as multinacionais. Na verdade, as multinacionais, com toda a tecnologia, com o domínio do comércio mundial e inclusive com os seus testas-de-ferro controlam as companhias na prática. Até o terço que pertence ao Estado ajuda as multas, porque a ditadura militar criou leis e práticas pró-multinacionais.

A marmelada envolve também altos funcionários oficiais

Além disso, os critérios jurídicos das associações permitem que um sócio com menos ações possa bloquear qualquer decisão importante.



Golbery, Geisel e Aquino: sempre dispostos a estender a mão ao capital estrangeiro

O que é realmente impressionante é o jogo de interesses envolvendo direta ou indiretamente os principais grupos econômicos norte-americanos, especialmente o Citybank e o Chase Manhattan Bank, entrelaçados com grandes empresas petrolíferas e químicas americanas, alemãs e japonesas. Os nomes dos brasileiros envolvidos trazem um rastro de traição aos interesses na-

cionais: Norberto Oderbrecht, chefe de um potente grupo industrial que teve Calmon de Sá como funcionário e ganhou de "presente" o contrato da construção civil de Angra II e III sem nenhuma concorrência, justamente quando Calmon era ministro da Indústria e Antônio Carlos de Magalhães presidente da CESP. Hoje é o mesmo Antônio Carlos que está como governador da Bahia e que presidiu a cerimônia de posse de Geisel. O mais sinistro de todos os personagens é Ralph Rosenberg, um homem muito esquivo, que está em todas: é ligado à Dow, à Cerveol e à Bakol, que por sua vez tiveram como diretor nada mais nada menos que

Shigeaki Ueki, ex-ministro e atual presidente da Petrobrás. A marmelada vai longe, pois já na época em que era presidente da República Geisel havia comprado muitas ações da Oxiteno do Nordeste SA, ligada ao grupo de Rosenberg. O quadro abaixo dá uma amostra de outras ligações dessas figuras com o capital estrangeiro e com altos funcionários civis e militares da ditadura.

Para uns as mordomias, para os outros intoxicação e morte

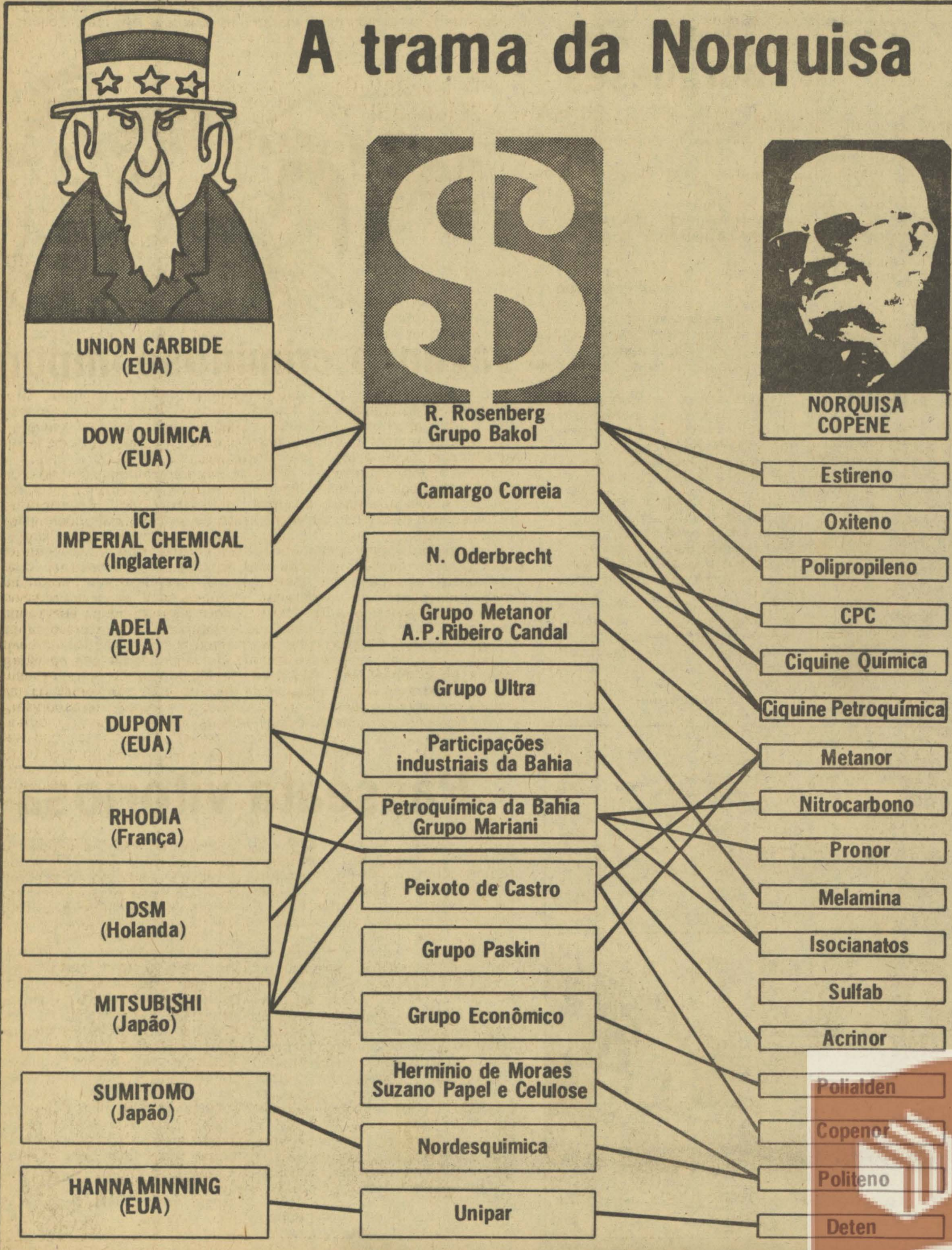
A pouca vergonha é tão terrível que um homem que foi presidente da República e conhece os mais secretos assuntos do país vai utilizá-los numa indústria ligada ao capital estrangeiro.

Enquanto toda essa negociata vai se desenvolvendo, os trabalhadores da Norquisa encontram péssimas condições de salubridade. De acordo com Walter, do Sindiquímica, "nas várias empresas que são acionistas da Norquisa, como

em todo o Polo Petroquímico, os trabalhadores estão sujeitos a péssimas condições de trabalho, porque estão sempre envolvidos com substâncias insalubres e tóxicas, substâncias com periculosidade. É comum ter no Polo vazamentos dessas substâncias e geralmente vários trabalhadores são intoxicados. Recentemente, na Isocianatos, foram atingidas 65 pessoas por vazamento de cloro. Algumas delas tiveram que ficar nos hospitais, em unidades de tratamento intensivo, em estado muito grave. A Brumov, a Nitrofertil, Melanina Ultra, a COPENE, todas trabalham com tóxicos e temos casos de companheiros que morreram trabalhando na Notricar-nono. Nesses casos de morte, o próprio médico, a própria enfermeira, o próprio departamento médico da empresa não se posicionaram. Nós estamos fazendo a apuração e assim que for concretizada nós denunciaremos para a imprensa".

Pois é. Geisel não sente o cheiro do benzeno lá em Teresópolis. E muito menos o cheiro do povo. (colaborou a sucursal de Salvador)

A trama da Norquisa



GEISEL NÃO É EXCEÇÃO

Generais contratados por monopólios e multinacionais são uma das formas mais usadas para amarrar o Estado brasileiro a interesses opostos aos do povo e da nação.

A escandalosa contratação do general Ernesto Geisel pela Norquisa é um bom exemplo da ligação do poder econômico com o regime militar atual. A rede que envolve militares de alta patente e funcionários graduados do governo com companhias multinacionais e grandes burgueses brasileiros ensina muito aos trabalhadores sobre o tipo de Estado que temos.

Carater de classe

Todo Estado traz o selo de uma classe ou aliança de classes determinada. Nas sociedades primitivas, onde não há classes sociais, também não existe Estado — exército, polícia, poderes legislativo, judiciário e executivo, governo. O Estado nasce quando a sociedade se divide em classes sociais com interesses conflitantes. Nasce justamente para garantir que a solução desses conflitos beneficie as classes dominantes. E por isso mesmo suas peças mais importantes são instrumentos de força, de coação, como a polícia e o exército.

A serviço das multas

Desde que se formou, o Estado brasileiro tem representado os interesses das classes exploradoras mais reacionárias: no início, os senhores de escravos; mais tarde, os grandes fazendeiros; no último meio século, a aliança destes com os grupos capitalistas mais poderosos e mais ligados ao capital estrangeiro.

Com o golpe militar de 1964, essa composição dos donos do poder sofreu evoluções. Os fazendeiros representados no aparelho estatal passaram a ser sobretudo latifundiários aburguesados e que produzem para exportação. Cresceu estupidamente o peso dos grupos monopolistas e sua associação com a burguesia internacional. Ao mesmo tempo, os capitalistas estrangeiros reforçaram em grande escala avanços de controle tão decisivos como a dívida externa, os investimentos diretos, o fluxo das importações e exportações. O Estado brasileiro passou a funcionar, em grande parte, a serviço das multinacionais.

Troca-troca de cargos

As formas de domínio do aparelho estatal também sofreram mudanças vi-

síveis. O regime que se implantou assumiu a forma de uma ditadura não só de determinados setores sociais mas também de uma casta militar — a hierarquia superior das Forças Armadas, sobretudo do Exército. O poder político passou a ser monopólio dos generais.

Os altos escalões militares, juntamente com uma reduzida elite de tecnocratas, não se contentaram em abocanhar os postos mais importantes e rendosos do aparelho de Estado. Também venderam-se, a peso de ouro, para a chamada iniciativa privada, nacional e estrangeira. O caso mais conhecido é o do general Golbery do Couto e Silva, presidente da "Dow Química". Mas além de Golbery e Geisel há dezenas senão centenas de casos. Estabeleceu-se um verdadeiro troca-troca: uma panelinha fechada de generais e tecnocratas se reveza nos postos-chave do aparelho de Estado, na administração das empresas estatais, na diretoria dos maiores grupos capitalistas nacionais e das sucursais brasileiras das multas.

Estas ligações, algumas visíveis, outras subterrâneas, formam uma rede de malhas bem fortes e apertadas, que amarra ainda mais a máquina do Estado aos seus patrões.

As forças que se opõem

Certos representantes das classes exploradoras protestam contra escândalos como o caso Geisel-Norquisa. São os que estão fora da panelinha dos donos do regime e se opõem, junto com o povo, ao monopólio do poder. Sua oposição, porém, é de tipo liberal. Eles querem o livre jogo das forças políticas das classes dominantes, mais ou menos como acontecia antes de 1964.

Já as forças populares almejam mais do que isso. No lugar do regime dos militares e das multinacionais querem um outro, com a participação efetiva do povo. Mais ainda unem-se aos liberais e a todos que se opõem ao regime arbitrário e corrupto, mas sem perder de vista que a vitória nesta batalha visa criar melhores condições para um deslocamento em profundidade das classes sociais que governam o Brasil. Sua meta é um regime social e político em que os governantes pertençam à classe operária, ao campesinato, às camadas hoje oprimidas, uma democracia popular em marcha para o socialismo.